

**6º Colóquio Anual da Lusofonia
3-6 Outubro de 2007**

Autora: ANA CRISTINA TAVARES

Instituições: Escola Secundária de Gil Vicente; Investigação – Centro de Línguas e Culturas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Lisboa.

Título: A TRADUÇÃO DA OBRA DE TORGA, EM FRANÇA

Resumo: Neste estudo, faremos uma breve introdução em que situaremos o panorama geral da tradução dos autores lusófonos, no mundo. Em seguida, referiremos aspectos relativos à tradução específica da obra de Miguel Torga, em França, indicando passagens que podem colocar problemas, quer do ponto de vista do conteúdo, quer do ponto de vista estilístico e linguístico ou até de âmbito cultural. Assim, na nossa análise adoptaremos vários aspectos metodológicos da Crítica da Tradução. Daremos uma ênfase especial à figura da tradutora, neste caso a Claire Cayron, a qual deu a conhecer a obra monumental de Torga, em França, e à qual dedicou grande parte do seu labor e vida.

«Que insondável mistério é um ser humano! [...] Por mim falo. Converso, escrevo páginas maciças de confissão, actuo, pareço transparente. E quem um dia quiser saber o que fui, terá de me adivinhar...»

Miguel Torga, *Diário*, Vol.XI, 22/2/69, (p.37)

Sobre a tradução dos autores lusófonos

Como todos sabemos, a língua portuguesa está presente nos vários continentes e é actualmente a única língua de cultura que possui uma dupla ortografia oficial, o que coloca inúmeros problemas não facilitando a sua difusão internacional. Apesar de se tratar de uma única língua, estamos conscientes da diversidade cultural existente entre Portugal, o Brasil, a África e a Ásia lusófonas que se reflectem, tanto na expressão do locutor comum, como no trabalho de apropriação e recriação linguísticas efectuado pelos escritores e que constituem grandes desafios para os tradutores.

De acordo com Paul Teyssier (1990) os dois pilares da lusofonia são, evidentemente, Portugal e o Brasil, ao passo que a África lusófona constitui um caso específico. Com efeito, o português é a língua oficial em cinco países africanos – Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S.Tomé e Príncipe –, mas não pode ser considerada como língua nacional, pois nesses países existem idiomas locais verificando-se, por vezes, fenómenos de diglossia. Com efeito, Angola e Moçambique são países multilingues com diversas línguas nacionais, sendo o português a língua de unidade nacional; a Guiné-Bissau é um país também multilingue, numa situação mais complexa e apresentando-se o crioulo como a língua de unidade nacional. Já Cabo-Verde e S.Tomé e Príncipe, países insulares, são bilingues e numa situação de diglossia, sendo o crioulo o símbolo da identidade nacional. Tal como refere Ana Martinho:

« [...] a verdade no entanto é que cada país tem circunstâncias específicas que devemos ressaltar. Uma primeira distinção a fazer é a de realidades continentais (Angola, Guiné, Moçambique) e insulares (Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe), ou seja, multilinguismo ou bilinguismo dominantes respectivamente.» (Martinho, 1995:18-19)

A grande extensão da língua portuguesa coloca simultaneamente um problema de unidade e de diversidade. Em nosso entender, existe uma evidente unidade pois todos os lusófonos podem comunicar sem problemas, mas também existe uma diversidade que é preciso reconhecer e respeitar e que não se deve sobrepor a esta unidade fundamental. Nesse sentido, é necessário respeitar a pluralidade de culturas lusófonas e ao mesmo tempo garantir a coesão linguística com determinadas medidas como um efectivo intercâmbio cultural e cooperação em todos os domínios, assim como a unificação ortográfica tão polémica e adiada.

A França, a Itália, a Alemanha e a Espanha constituem o eixo geográfico onde melhor circulam os escritores portugueses e lusófonos, em geral. De acordo com a base de dados do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas sabemos que desde 1990 foram traduzidos 1650 livros do português para outras línguas. Mas para que línguas? Por ordem decrescente, encontramos o francês, o espanhol, o alemão, o italiano, o búlgaro, o romeno, o checo, o inglês, o chinês e o neerlandês.

As literaturas de língua portuguesa conseguiram sair das suas fronteiras há cerca de duas dezenas de anos, isto enquanto fenómenos culturais alargados. Antes, apenas alguns nomes isolados conseguiam obter reputação internacional adquirindo um estatuto universal, mas deixando atrás de si uma legião de ilustres desconhecidos. Camões foi dos primeiros autores portugueses a passar a fronteira, tendo sido o escritor português mais traduzido e adaptado em França até ao século XIX. No início do século XX, o romancista Eça de Queirós adquiriu alguma notoriedade na Europa. Salvo raras excepções, foi preciso aguardar por Fernando Pessoa e a sua constelação de heterónimos para assistirmos à projecção de um escritor de língua portuguesa além-fronteiras. Foi nos anos 80-90 que as editoras estrangeiras, em geral, se começaram a interessar por diferentes autores portugueses, acentuando-se esse interesse com a atribuição do prémio Nobel a José Saramago, em 1998.

De acordo com o Index da UNESCO, podemos constatar que não se verifica uma evolução linear nas edições de obras traduzidas a partir do português. Após o aumento verificado no final dos anos 90 com a atribuição do Nobel a Saramago — traduzido em 40 línguas e em mais de 60 países — as traduções baixam de novo recentemente. De notar, no entanto, um grande interesse por escritores jovens, femininos, ou dos países africanos lusófonos, frequentemente associados a um certo exotismo e por isso com maior procura por parte do público. A tendência actual consiste em traduzir do inglês para outras línguas: 50% dos livros publicados em língua inglesa são em seguida traduzidos e apenas 6% das obras publicadas nos países anglófonos são traduções de outras línguas.

Neste panorama difícil para a tradução e difusão dos autores lusófonos, em geral, gostaríamos de assinalar que, desde há vários anos, são cada vez mais numerosos os textos literários traduzidos em francês a partir do português. Isso deve-se à iniciativa de editores e livreiros, de revistas literárias e académicas, de estudiosos e também de tradutores. No entanto, o facto de algumas editoras como José Corti ou La Différence incluírem títulos de autores portugueses nas suas colecções continuava, nos anos 80, a mostrar um certo pioneirismo revelando simultaneamente um espírito militante, como refere Pierre Leglise-Costa (AAVV, 1986: 267). Evidentemente, o grande público conhece autores como Pessoa, Saramago ou o brasileiro Jorge Amado. Cada vez mais outros autores portugueses como Lobo Antunes, Lídia Jorge, Sophia Andresen, vários brasileiros e mais recentemente autores africanos começam a surgir nas montras dos livreiros, a serem apreciados por quem os lê e a receberem merecidos prémios.

A propósito das dificuldades da tradução dos autores lusófonos em geral gostaríamos de citar Michel Laban, tradutor de português para francês, neste caso do romancista português José Cardoso Pires mas igualmente tradutor de escritores moçambicanos e cabo-verdianos e que disse o seguinte:

«Quand je traduis un texte africain, je me trouve face à l'immense obstacle qui est celui de traduire plusieurs langues en même temps. Traduire Luandino Vieira, d'Angola, c'est traduire du portugais standard, et là ça va ; c'est aussi

traduire du portugais de Luanda, la capitale de l'Angola, et là c'est déjà plus difficile, il faut être au courant de toutes les subtilités, il y a un décalage par rapport à la norme de Lisbonne. C'est aussi traduire souvent des termes de Kimbundu, une langue africaine de la région de Luanda. C'est ensuite traduire des créations propres à l'auteur [...]» (Giudicelli, 1995 :46-47)

Assim, vários problemas se colocam ao tradutor que pretende traduzir autores de língua portuguesa, não sendo suficiente conhecer bem a língua e a cultura de Portugal. Com efeito, a língua portuguesa transforma-se, é enriquecida e recriada pelos autores e culturas onde se fala o português, em outros continentes. E daí o tradutor Laban, ao ter de verter para a sua língua um autor, ter de conhecer várias «línguas» como ele lhes chama. Por exemplo, ao traduzir Luandino Vieira de Angola, traduz evidentemente o português padrão, mas também o português próprio de Luanda, capital de Angola, por vezes tem de traduzir termos de Kimbundu, língua africana da região de Luanda e, finalmente, tem de traduzir as criações próprias daquele autor específico. Não é, pois, tarefa fácil traduzir os autores lusófonos quando ainda por cima escasseiam dicionários especializados e glossários específicos que tenham em conta o vasto território em que se fala e escreve em português.

O desafio de traduzir Torga

Neste colóquio/comunicação é também objecto de estudo a obra de Miguel Torga (1907-1995), por ocasião do centenário do seu nascimento. Adolfo Correia da Rocha, médico ORL em Coimbra, adoptou um pseudónimo literário que vem na linhagem de outros autores ibéricos combativos e rebeldes como Miguel de Molinos, Miguel de Cervantes e sobretudo Miguel de Unamuno que Torga considerava o seu mestre. Igualmente a escolha da planta torga, existente no ponto mais alto das serras galegas e transmontanas, tem o significado de oferecer beleza ao outro, por mais difíceis que sejam as circunstâncias. Assim, também essa planta das rochas oferece pacientemente a sua corola branca ou roxa.

A parte fundamental do nosso trabalho contempla os desafios específicos da tradução para língua francesa deste escritor transmontano, simultaneamente português, ibérico e universal. Com efeito, é um autor que nos dá uma imagem de Portugal aprofundada, projecta-se depois num espaço mais alargado que é a Península Ibérica e tem igualmente um pendor universalista, tanto pelas temáticas abordadas na sua multifacetada obra, como pelo seu interesse pela alma humana. Nos vários volumes de *Diário*, Torga louva a pátria, tendo uma concepção ampla da mesma, pois é vista no seu sentido físico, espiritual, cultural e linguístico. Esta pátria é também uma mátria, como afirma o estudioso António Quadros (1989:177) ao referir-se à lição de Torga como a de um «telurismo oceânico». Para este estudioso, Torga é o paradigma do homem do interior, ligado à terra-mãe ou mátria. No entanto, na sua obra perpassa a atracção pelo mar, pela viagem e aventura, em suma, pela pátria. A mátria implica uma fidelidade à terra, à raiz, sendo de pendor nacional, ao passo que a pátria, com o seu apelo de aventura, já tem em si um pendor ecuménico, de pátria universal. Na mesma linha de ideias se situa o estudioso Jesús Herrero:

«Só um grande poeta [...] podia ter adoptado como seu destino cultural o espaço afirmativo duma pátria sem fronteiras.» (Herrero,1979:149)

Essa mesma ideia foi reiterada por Maria de Lurdes Belchior, aquando da atribuição do Prémio Camões em 1989, ao referir que «A sua obra, enraizada num espaço cultural português, projecta-se num horizonte de universalidade». Em *Diário X*, Torga é bastante eloquente relativamente a essa dialéctica que transparece na sua obra:

« Coimbra, 10 de Outubro de 1963 — Cada vez me sinto menos nacionalista e mais perto da pátria. Sou como uma lapa agarrada à sua rocha, consciente de que ela é apenas o suporte necessário à vida que recebe do cósmico oceano» (Torga, 1968:12)

Embora isso não esteja de acordo com algumas teorias, nomeadamente o estruturalismo, parece-nos útil fazer uma articulação entre a vida e a obra deste autor pois o suporte biográfico poderá ajudar a compreender melhor as temáticas e o seu estilo, assim como as opções de tradução que foram depois tomadas. Importa-nos reter que o autor pertencia a uma família rural da província transmontana. Devido aos poucos recursos económicos Torga emigrou para o Brasil, onde esteve até aos 16 anos, e cuja experiência de vida transformou em matéria literária. Não nos poderemos também esquecer da sua profissão médica a par da sua vocação artística.

A descoberta deste escritor, em 1973, deu a Claire Cayron (1935-2002) a oportunidade de exercer plenamente o que ela denominou como a sua «paixão lusófona». Esta professora universitária em Bordéus, foi não só a tradutora apaixonada, mas igualmente a leitora crítica e a intérprete fiel do universo literário de Torga. A partir de 1982, e durante cerca de 15 anos, dedicou-se inteiramente à tarefa monumental de traduzir a obra deste autor português.

É importante atentarmos na sua metodologia de tradução. Primeiramente houve um trabalho pessoal de leitura da totalidade da obra do autor, em seguida procedeu ao estudo sistemático do texto da LP (língua de partida) a ser traduzido e à reconstituição da vida do autor recorrendo, para isso, aos volumes de *Diário*. A tradutora pretendia reconstruir, sem recorrer ao autor, a sua compreensão da obra e também não quis informações biográficas. É na própria obra que ela pretendia descobrir o autor:

«Ainsi, j'avais écarté d'emblée la possibilité de recourir à la personne même de Miguel Torga pour le comprendre. Je voulais *construire*, seule, ma compréhension, et donc ma traduction ; ne l'exposer que faite à son regard d'auteur. J'avais également écarté toute demande biographique. Je devais découvrir Miguel Torga sans le truchement d'une monographie quelconque, et surtout sans qu'il ait à se découvrir.» (Cayron, 1987 :53)

Cayron tem uma posição bastante discutível ao acreditar que o autor se mostra, se revela totalmente na sua obra:

«[...] je crois à la force de l'oeuvre et qu'un écrivain est totalement dans ce qu'il écrit ; il suffit donc de l'y chercher pour ... deviner.» (Cayron, 1987:54)

Em seguida, a tradutora quis aprofundar o estudo da personalidade de Torga, os seus gostos, receios e mágoas, constituindo, para esse efeito, um índice temático e não cronológico dos vários volumes de *Diário*. Cayron sentiu, igualmente a necessidade de conhecer os referentes históricos e culturais, presentes na obra do autor, para compreender determinadas alusões intertextuais. Trata-se de uma tarefa monumental preparatória para a tradução que se seguiu. No entanto, esta tarefa ainda não terminou pois Cayron, na sua ânsia de perfeição, sentiu necessidade de explorar as referências temporais e geográficas dos textos, tendo aceitado a ajuda do escritor que lhe emprestou as chaves da sua casa natal, em Trás-os-Montes:

«Aux approches de l'été 1975, donc, j'ai projeté un nouveau voyage au Portugal. Mon propos était de sillonner l'intérieur du pays, à partir de haltes campagnardes et en prenant le *Diário* pour guide [...] (Cayron, 1987 :56).

Segundo Cayron, tanto esta viagem como outras que se lhe seguiram foram bastante úteis para poder realizar uma tradução melhor, pois o facto de conhecer todos os recantos citados nos textos conferiu uma outra

dimensão à leitura e, evidentemente, em seguida à tradução. Este trabalho rigoroso e metódico por parte da tradutora não terminou aqui. Esta quis também explorar as referências médicas presentes na obra de Torga que aproximou frequentemente o acto médico e o literário, referindo-se até à necessidade de utilizar com a mesma mestria o bisturi e a pena, ou aludindo a duas vozes que dialogam dentro de si, a do médico e a do escritor. Uma breve citação dá-nos conta da importância de ambas, uma é a sua carreira profissional, a sua sobrevivência económica, a outra é a sua paixão.

«Arganil, 16 de Julho de 1964 — Medicina, literatura e política, por ordem descendente. A obrigação, a devoção e a maceração.» (Torga, 1968:33)

A tradutora deu ainda uma atenção especial às microestruturas dando como exemplo do seu método de tradução e escolhas a curta narrativa «Le Secret», no volume *Lapidaires* (Torga, 1990). Nesta narrativa, a personagem Pedro banha-se numa «lagoa», palavra feminina que perderia toda a sua vertente simbólica se a tradutora tivesse optado pelos vocábulos franceses disponíveis «le lac» ou «l'étang». Tudo deve ser feminizado na atmosfera que envolve o jovem, até o líquido ao qual ele regressa antes de se suicidar. A tradutora optou então pela palavra «lagune», única palavra feminina disponível em francês.

Segundo Cayron, Torga tem uma forma de pensar e um estilo lapidares, ele era como uma espécie de lapidador de diamantes que pretendia uma escrita concisa e nítida, à qual a tradutora procurou ser fiel, dando-nos exemplos de etapas do seu trabalho linguístico de «pesagem de palavras» como ela denomina a actividade tradutória. Um exemplo: a partir da frase de Torga: «Ainda estamos hoje a soletrar a Bíblia», Cayron, numa primeira etapa, fez uma tradução literal: «Encore aujourd'hui nous en sommes à épeler la Bible» mas a frase era demasiado longa e então a tradutora passou por uma fase de redistribuição das palavras na frase, obtendo: «Nous en sommes encore aujourd'hui à épeler la Bible», para, em seguida, ter procedido a uma subtração e alcançar a seguinte estrutura: «Nous en sommes encore à épeler la Bible», culminando nesta versão final: «Nous en sommes toujours à épeler la Bible». A versão final, além de ter o mesmo comprimento da frase original, manteve o ritmo da LP (língua de partida). Cayron respeitou, assim, as duas línguas, a LP e a LC (língua de chegada), aliando rigor a flexibilidade.

Por vezes, a tradutora criou neologismos para traduzir vocábulos inventados por Torga, ou quando se tratava de traduzir uma palavra que não tem equivalente em português. Por exemplo, para o vocábulo «convivência», a tradutora teve consciência de que não se tratava de «cohabitation», nem de «coexistence», assim criou o neologismo «convivance», segundo o modelo de «survivance».

Um outro desafio de tradução dos textos de Torga diz respeito à presença de provérbios e adágios tradicionais, ou até inventados pelo próprio autor. Assim, com o sentido de «desistir» temos a expressão «pôr a viola no saco» que Cayron traduziu por «remettre son violon dans l'étui», e gostou de tal modo desta expressão que a importou em francês, em várias outras ocasiões.

Cayron, ao traduzir Torga, teve que traduzir o português europeu mas também as influências linguísticas que Torga recebeu nas suas viagens e estadias, mais ou menos prolongadas, como foi o caso da sua vivência no Brasil, durante a juventude. Neste último caso, as dificuldades tradutórias foram tanto de âmbito lexical como cultural, devido a vários vocábulos, alguns de origem tupi, os quais designam realidades locais brasileiras como a flora, a fauna ou a culinária, presentes sobretudo no segundo dia da obra *A Criação do Mundo* (Torga, 1937). Aliás, a tradutora logo em nota inicial indicou que o vocabulário relativo à flora e fauna do Brasil, alimentos e bebidas eram reproduzidos em itálico, podendo o leitor consultar um breve glossário com diferentes categorias para facilitar a consulta. Vejamos alguns exemplos:

«ARBRES : *Braúna, embaúba, ipé, jacarandá* (à fleurs), *maracujá* (fruitier), *peroba, quiabo* (fruitier), *sucupira* [...].

OISEAUX : *Araponga, inhambu, jao, juriti* (chanteur), *urubu* (rapace) [...].

RONGEURS : *Caxinguelé* (sorte d'écureuil), *capivara, cotia, paca*.

BOISSONS : (à base d'alcool de canne) : *Bagaço, cachaça, garapa*.

NOURRITURES : *Angu* (bouillie à base de maïs), *mingau* (fleur de farine de maïs), *canjica* (brisures de maïs), *fubá* (farine de maïs), *pé-de-moleque* (gâteau de sucre de canne à la pistache), *passoca* (gâteau de farine de maïs), *boia* (casse-croûte).» (Torga, 1985 :74)

No que diz respeito à alimentação também existem inúmeras alusões aos pratos tradicionais portugueses. Nesse caso, a tradutora optou geralmente por manter o vocábulo original, deixando-o em itálico, tendo acrescentado uma nota de rodapé explicativa:

«[...] ma tante faisait du *caldo verde*. (Note de la traductrice: La soupe aux choux portugaise, véritable plat national) »
(Torga, 1985:108)

A tradutora incluiu igualmente neste glossário inicial vocábulos utilizados frequentemente como: «*caboclo*, métis; *favela*, bidonville; *fazenda*, grande propriedade; *bandeirante*, pionnier,» entre outros. (Torga, 1985:74). As alusões a tradições populares constituem outro dos desafios que a tradutora teve de enfrentar. Assim, o jovem Mário diz à sua tia do Brasil, durante a estadia na fazenda de Minas Gerais, as ladainhas transmontanas utilizadas para curar erupções cutâneas provocadas pelas mordeduras de animais:

« Eu te benzo e te rebenzo/Na cabeça e no rabo/Se és sapo ou sapão/Ou aranha ou aranhão, /Ou bicho de má nação» (Torga, 1937:125).

A tradutora procurou manter as sonoridades recorrendo até à criação de novos vocábulos, em francês:

«Je te bénis et rebénis/, à la tête et au fondement/Que tu sois crapaud crapaudant/ ou encore aragne aragnante/ou bien bestiole malfaisante...» (Torga, 1985 :82-83).

Na fazenda brasileira, os empregados negros realizavam por vezes festas, dançando ao luar, cantando e procurando fazer rimas em«ão»:

«Ali, canta o mulato/Neste assunto do ão; /Negro p'ra cantar comigo/Lava a boca com sabão...[...]. Negro p'ra cantar comigo/Lava a boca com sabão; Se não lavar bem lavada, /Comigo não canta não...» (Torga, 1937:155).

Cayron traduziu do seguinte modo:

«Ay, c'est moi le mulâtre qui chante/une histoire rimée en «ão» (on) ;/que le nègre qui me répond/se lave la bouche au savon ...[...] Que le nègre qui me répond/se lave la bouche au savon ;/s'il ne la lave et la relave, /avec moi ne chante pas, non...» (Torga, 1985 :100).

Como sabemos, as fórmulas de tratamento usadas no Brasil diferem das de Portugal e colocam dificuldades ao tradutor de língua portuguesa. Cayron adoptou soluções diferentes: por vezes, manteve as fórmulas do original dando o tom local, como no caso de «Dona Candinha» (Torga, 1937:118) e (Torga, 1985:78) ou «sinhá» (Torga, 1937:156) e (Torga, 1985:100), com o sentido de senhora ou «madame», em francês padrão. Outras vezes, a tradutora optou por traduzir, tentando sempre conservar o ambiente colonial e exótico: «nhôzinho Leandro» (Torga, 1937:166) passou a ser traduzido por «Missié Leandro» (Torga, 1985:107), vocábulo frequentemente usado quando os autores procuram reproduzir as falas das personagens das antigas

colónias francesas, em vez de «monsieur»/senhor, do francês padrão. Um outro exemplo: «—Adeus minino...» (Torga, 1937:119) traduzido por «— Bonjour “pitiit”...» (Torga, 1985:78)

Na obra de Torga são raras as personagens em que há alusão ao modo de falar tipicamente brasileiro. Quando surge a recriação dessas falas, parece-nos ser com a intenção de conferir verosimilhança à narrativa, como veremos por alguns outros exemplos. Assim, o jovem Mário chegado da metrópole vai até à fazenda dos tios em Minas Gerais, num carro de bois conduzido por um miúdo e acompanhado pelo preto Anacleto:

«— Dou em você, moleque safado, si cochila...

Depois ouviu-me soluçar. Pôs-me carinhosamente a mão nas costas e falou-me [...] — Seu minino, deixe di bobage...» (Torga, 1937:78)

Temos, então, neste excerto o vocabulário do português do Brasil («moleque», «cochilar», «bobagem») e a diferente forma de tratamento «seu». Igualmente nesta obra de Torga, *A Criação do Mundo*:

«[...] a personagem Mário relata a sua experiência no Brasil e apesar dos nomes mudarem, memórias e ficção imbricam-se de tal modo que é difícil saber onde começa a realidade e acaba o domínio do imaginário. (Tavares, 2004:246)

Outras vezes, temos, já em Portugal, a reacção da mãe de Mário perante o modo de falar do filho regressado do Brasil:

«Mas minha mãe protestava indignada contra o meu sotaque brasileiro. — Fala-me português, homem!» (Torga, 1937: 28)

Ainda em Portugal e na mesma obra, surge-nos, em determinado momento, a tia do Brasil muito dada a credices e supertições que conta uma história bastante inverosímil em casa de um amigo, figura importante na povoação. Este não se contém e diz:

« — Oh! Minha senhora, pelo amor de Deus...

— É verdade. Lhe juro.

— Qual verdade, nem meia verdade! Sejamos pessoas inteligentes, do nosso tempo! [...]

— Garanto que se abriu a terra, e que o negro ficou enterrado até à cintura. Eu vi ele.Então vieram os urubus, e começaram a comer. [...]

— Pois fique sabendo que não é tapeação. Contei direitinho o acontecido. Tim-tim por tim-tim. Me lembro até...» (Torga, 1937:32)

Nesta passagem, em que, uma vez mais, se procura exemplificar o sotaque brasileiro da tia temos a utilização de vocabulário diferente «tapeação», assim como o diferente uso e colocação na frase das formas pronominais «vi ele», «lhe juro» ou «me lembro».

Podemos constatar que vários anos após a sua estadia no Brasil, Miguel Torga, com base em momentos lá vividos, redige a obra *A Criação do Mundo* em que relata pormenorizadamente o que viu e sentiu. As marcas deixadas por essa experiência de emigração foram profundas e duradouras e delas a tradutora teve seguramente consciência.

Conclusão

Claire Cayron teve a seu cargo a tarefa enorme de traduzir a obra imensa de Torga. Como sabemos esta obra é constituída por várias dezenas de volumes de diferentes géneros literários, tais como: conto, novela, romance e outros textos em prosa, teatro, poesia e os vários volumes de *Diário*. A tradutora considerava importante ser a mesma pessoa a traduzir a obra de um autor porque defendia a unidade de tradução, de acordo com a unidade da escrita e além disso porque pensava ser útil para encontrar diferentes soluções de tradução para os problemas que se colocavam. Esta tradutora e professora universitária que reflectiu aprofundadamente sobre a problemática da tradução defendia a plasticidade do francês, considerando que não existia apenas um francês literário mas vários, como o de Proust, Beckett e outros.

Pensamos que terá ficado claro que Claire Cayron traduziu o sentido e a mensagem da obra de Torga, com correcção sintáctica, conseguindo manter tanto a dinâmica como o ritmo e musicalidade do texto original que constituem a sua beleza. Para Claire Cayron, a tradução era muito mais uma aventura intelectual do que uma tarefa ou profissão, ela queria descobrir o autor para em seguida partilhar essa descoberta com o leitor, neste caso de língua francesa.

A língua portuguesa é rica e diversa sem perder a sua unidade fundamental e coloca grandes desafios aos tradutores quando estes se interessam por autores provenientes de continentes e culturas diversas. Como tivemos oportunidade de constatar, mesmo quando um tradutor se debruça sobre um escritor português como Torga tem de conhecer a especificidade do português do Brasil e da sua cultura pois a sua obra tem marcas específicas da sua estadia nesse país. Em muitos outros casos isso se verifica, basta referirmos, por exemplo, o romance *A Selva* do escritor português Ferreira de Castro, traduzido pelo escritor francês Blaise Cendrars e cuja acção se passa na selva amazónica, com toda a profusão de plantas e animais inexistentes no continente europeu e com muitos vocábulos de origem tupi.

Gostaríamos de referir a razão da importância que atribuímos ao perfil do tradutor. Defendemos a ideia que o tradutor literário é uma espécie de co-autor da obra pois deverá fazer apelo à sua criatividade e intuição para resolver os inúmeros problemas que se lhe colocam, tanto do domínio linguístico como cultural. Assim, pensamos que a crítica da tradução deve conhecer bem o perfil do tradutor para compreender e poder explicar as suas escolhas tradutológicas. Tal como determinados teóricos (Orzeszeck, 1997:167) defendemos que a tradução literária, quando é verdadeiramente artística, no sentido de conseguir ser fiel ao original, tanto do ponto de vista do sentido como da forma, é igualmente uma obra de arte, e o seu tradutor também um autor, um autêntico criador.

Para terminar, parece-nos que a divulgação da língua portuguesa e das literaturas lusófonas precisa de editores interessados, de bons tradutores como Claire Cayron, mas também de um conjunto de instrumentos de apoio, quase inexistentes no caso dos escritores da África lusófona, e que incluem, entre outros, dicionários e glossários especializados assim como bases terminológicas facilmente consultáveis. Só assim se poderá enformar a adequada formação dos tradutores literários de língua portuguesa e promover uma estratégia de divulgação dos autores de língua portuguesa e das suas culturas, tendo em vista a efectiva internacionalização do português como língua de comunicação e de cultura.

Bibliografia

- AAVV (1986) «La traduction littéraire, du portugais au français : folie ou militantisme ? Quelques questions...». In *L'Enseignement et l'expansion de la littérature portugaise en France – Actes du Colloque (Paris, 21-23 Novembre 1985)*, Paris : Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 261-269.
- Cayron, Claire (1987) «Explorer pour traduire». In *SUD-Revue Littéraire : La Traduction – Réflexions – Reflets*, nº 69-70, (Org. Benito Pelegrin), 53-72.
- Freire, António (1990) *Lendo Miguel Torga*, Porto: Edições Salesianas.
- Giudicelli, Michèle et al. (1995) «La traduction des auteurs de langue portugaise dans le monde». In *Onzièmes Assises de la Traduction Littéraire*, Arles : Actes Sud, 31-65.
- Herrero, Jesús (1979) *Miguel Torga : poeta ibérico*, Lisboa: Editora Arcádia.
- Martinho, Ana M^a. (1995) *A Língua Portuguesa em África: Educação, Ensino, Formação*, Évora: Editorial Pendor.
- Orzeszeck, Agatha, (1997) «Traducción y cultura». In Fernández, Leandro Félix e Arjonilla, Emílio Ortega (Org.), *Lecciones de teoría y práctica de la traducción*, Málaga: Université de Málaga, 163-168.
- Quadros, António, (1989) *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*, Lisboa: Fundação Lusíada.
- Tavares, Ana Cristina, (2004) «A vivência do Brasil na obra de escritores portugueses». In *Interculturalidades: Traduções, Línguas e Culturas*, Lisboa: Ed. Universitárias Lusófonas, (Orgs. Rita Neves, José Lopes e Ana C. Tavares), 225-258.
- Tavares, Ana Cristina; Lopes, José Manuel (2005) «Prolegómenos a um esquema analítico para a crítica de traduções literárias». In *Babilónia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, nº2/3 Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 81-90.
- Teyssier, Paul (1990), «A língua portuguesa no mundo». In *Etudes de Littérature et de Linguistique*, Paris: Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, 255-265.
- ___. (1993), *História da Língua Portuguesa*, trad. do francês por Celso Cunha, Lisboa: Sá da Costa Editora.
- Torga, Miguel (1937), *A criação do mundo – os dois primeiros dias*, Vol.1, (4^a Ed. refundida, 1969), Coimbra: Edição de Autor. [2^o dia,113-224]
- ___. (1985), *La création du monde*, trad. do português por Claire Cayron, Paris: Ed. Aubier, [2^o dia, 73-142].
- ___. (1968) *Diário X*, (2^a Ed. revista), Coimbra: Edição do Autor.
- ___. (1994) *Contes et nouveaux contes de la montagne*, trad. do português por Claire Cayron, s.l. :Librairie José Corti, (Edição portuguesa de 1980 «Contos da Montanha e novos contos da montanha»)
- ___. (1990) *Lapidaires*, trad. do português por Claire Cayron, s.l. : Librairie José Corti.

Internet/Outros suportes:

- Volkovitch, M. (2000) «Entretien avec Claire Cayron – Traducteurs au Travail». In *Translittérature* nº 21, ATLAS. Disponível em (www.atlf.org/documents/entretienclairecayron.pdf), consultado em Abril de 2007.
- Colomer, Henry, (1994) *Claire Cayron traduit Miguel Torga*, Documentário (filme-vídeo) Paris: La Sept/Vidéo Distrib. Le Seuil (34 minutos- cor).